

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO V

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 27

São Paulo, Julho-Agosto de 1959 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

REPÚBLICA - OPORTUNIDADE PARA "QUALQUER UM"

1. Uma das mais corriqueiras alegações anti-monárquicas é que a república (embora em provado detrimento do bem geral, como o atesta a experiência histórica) propicia a oportunidade de "qualquer um" vir a ser o chefe supremo da Nação... melhor — do Estado, pois "da Nação" continuará a sê-lo unicamente o REI, queiram ou não os anti-tradicionistas, muitos deles igualmente "internacionais".

2. E, quando alguém alega, como que inocentemente, a oportunidade de "qualquer um", geralmente falseia o pensamento íntimo: está pensando em si mesmo — "Se eu fosse o presidente da república"... rosna por dentro. Pode o ilustríssimo auto-candidato saber todos os males (e aponta-os a experiência universal) do mercado eleitoralista, dos excessos do seu resultado, das injunções estranhas, das injustiças e mentiras, da desgraça e perigos do seu desfêcho, dos "suicídios" vindos de fora... Não importa. Se é o homem, como diz Aristóteles, animal racional, nem sempre o é o homo politicus. Raciocinam como animal apenas, suposto que possa o animal raciocinar, a sua paixão, os seus interesses privados, o seu individualismo, o seu egoísmo republicano partidarista. A nem todos caberá a glória da coragem de um Emílio Castelar aconselhando a volta ao Rei para a salvação da Espanha, após haver sido o mais ferrenho e luctuoso propagandista da miserável república vitoriosa. Tal bravura mais do que militar, não na teve o nosso Deodoro desludido.

3. Constitui, porém, outra mentira convencional entre os próprios republicanos a pretensão ingénua da "oportunidade de qualquer um": mais uma chantagem política, num sistema campo de delas, para os pobres de espírito ou ricos de espírito suínescos.

Ora, vejamos se não. Para ser sufragado, precisa o "qualquer um" ser candidato. Para ser candidato, cumpre ser membro de um partido. E de um partido forte (Partido ou grupo de interesses), capitalista, que tenha muito dinheiro próprio... ou dos outros, e, por isso, certas ligações e compromissos talvez inconfessáveis que explicam ou explicarão tubarónicas e ladrocinhas posteriores impunes! Esqueçamos os conchavos tão bem analisados em "Monarquia" pelo Dr. José de Oliveira Pinho (n.º 20). Gozamos, aliás, no momento pre-eleitoral, do espectáculo tragicômico da escolha ou imposição de candidatos e de tantos "quaisquer uns"...

4. Se fôr candidato soviético, também será capitalista-de-estado, isto é ladrão da economia "socializada" dos particulares... Se não fôr suficiente o partido (soma de interesses) em força eleitoral "comprada ou comprável" pela corrupção, dependerá dos ditos conchavos a candidatura. Agitação. Bisantinices. Sincope da administração pública, se é que a houve. Conchavam-se os partidos para indicar o candidato... ou candidatos. Sossogamento dos diversos candidatos a candidatos. São muito inconvenientes estes republicanos... Negócios. Segredos... Negociações.

Futuros panamás. Normalmente todos os conchavantes se inscrevem como o mais digno "qualquer um". É limitadíssimo, todavia, o número deles. "Qualquer um" seriam pelo menos uns três milhões de brasileiros. Alinham-se entre os conchavantes (A semelhança é mera coincidência!) apenas uns cem tubarões partidários, berradores como dez milhões. De regra, se exclui o extra-partidário. Perigoso talvez. Suspeito de não ser fantoche de motores secretos. Recorrem a êle ou, melhor, acodem-se a êle somente em se tornando impossível chegar a entendimento patriótico, como êles dizem, ou "pratiótico", como digo eu. E não considerámos em tudo isso a conquista CARÍSSIMA do eleitorado!...

5. Que resta da oportunidade de qualquer um?

E que bem decorre para o Brasil de toda essa farsa e farrá da "guerra da sucessão" completamente estranha aos quadros da SOCIEDADE BRASILEIRA, aos quadros da vida dos grupos religiosos, culturais, morais, económicos, produtores, familiares, profissionais, da Nação?

Tudo se revela mera agitação lupina, canina, pela posse e gozo "com imunidades" do Poder, pelo artifício partidarista, a caminho da tal "representação" que não representará nada e ninguém, senão simples mandonismo, pois a representação teria de ser perante o representante nato da Nação — o Rei, o Imperador — e êsse está ausente. A representação torna-se anti-juridicamente Comando, o que lhe não compete.

6. Criou a república a alergia ao privilégio, a superstição da igualdade. E continuam os privilégios, os piores privilégios. Dão-se a empreendedores estrangeiros, a trôco de gorjetas, privilégios que não temos. Continuam as desigualdades, as piores desigualdades.

Ressalta, porém, uma diferença. Hoje não há, como existia antes da palhaçada liberal, democrática, republicana, um Poder Supremo, Moderador, Chefe por imperativo histórico-natural, por dever, por obrigação e não por acidente, alheio à voracidade e malvadeza dos indesejáveis privilegiados da democracia, que os contenha em suas desvirtudes com um lápis ou com força e cadeia, a bem do povo brasileiro ludibriado.

7. Misereor super turbam! — repito com Nosso Senhor. TENHO DÓ DO POVO.

Qual é mais popular? Esse regimen cheio das palavras "povo", "popular", "democracia", "democrático", ou aquele que, sem tamanha demagogia, sem tanta barretada demagógica vácuca, inoperante e malandra, não SE SERVE do povo, mas serve REALMENTE os interesses do povo, o bem comum, a Pátria e o seu futuro hoje comprometido por tantos crimes e omissões?

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

A INDISCIPLINA SE GENERALIZA

Comunica-se para todas as classes sociais a indisciplina inaugurada em 89. Os "anjos" também vão aderindo aos marmozetes, aos pais-de-familia displicentes, amorais, imorais, "divorcistas" de todos os deveres cristãos ou simplesmente humanos. Coerência trágica. Sobre isso falou muito bem na A Gazeta o nosso distinto colega sr. Gumercindo Fleury, em seu artigo "Vara de marmelo", de 29.4.1958. Ai vai ele com a costumada vniia:

"O rapazota, já talado, filho único, crescera sempre mimado. Tinha de tudo, menos educação. Se os pais ralhavam, fazia cara de choro. E isso bastava para que logo suportassem as suas malcriações. Um dia a vovó, ainda robusta, decidiu passar uma semana com a filha. Chegou entre festas. Habituada ao respeito geral, estranhou as liberdades do menino, e suas brutalidades. Falou à filha e esta defendeu o garoto. Não teve dúvida a vovó. Apanhou vara de marmelo, recolheu o menino ao banheiro e deu-lhe tremenda surra. Os pais forçaram a porta, para socorrer o filho, mas não chegaram a tempo...

"Daí para a frente, respeitando alguém, o menino foi mudando. Melhorou muito, mas tinha terrível "alergia" por vara de marmelo...

"Lembrei-me do caso, que me foi contado por velho paulista ao constatar os abusos que uns tantos fedelhos, filhos de pais ricos, andam praticando por ai. Fedelhos dos dois sexos, incontrolados pelos pais. Andam aos grupos ou em motonetas. Há dias reuniram-se junto a uma residência onde se festejava aniversário de uma criança. E entenderam de acabar com a festa! Invadir o lar, brigar, quebrar, era para eles simples diversão! Se houvesse prejuízos muito sérios, os "papais" pagariam ou poriam em movimento seus advogados. Os "coitadinhos" nada sofreriam... No caso em apreço, nada fizeram porque um deles aceitou explicações que alguém da casa deu. Saíram, mas foram dizendo:

"— Vamos acabar com outra festa...

"E foram. E pintaram o diabo.

"E a cidade está assim. Além dos vagabundos que rondam sem destino, esses pirralhos que se preparam um destino mau...

"Apelar para os pais, a fim de que esses possam fazer valer os seus poderes? Bobagem. Eles não têm poder algum sobre os filhos. Percebe-se que nunca, realmente, cuidaram da educação dos filhos. Dão-lhes conforto, escolas, pagam tudo caro, mas não lhes dão o respeito delicioso do lar. São donos de uma liberdade que precisa ser corrigida por estranhos ou pela polícia.

"Por falar em polícia, penso que algumas representantes da polícia feminina, armadas de varas de marmelo, dariam bem conta do recado contra esses bandos de moleques protegidos pela fortuna dos pais. Algumas sovas, em público, seriam corrigindo que poria fim aos abusos dos moleques.

"Há uma série de ocorrências provocadas por esses meninos audaciosos, que não chegaram ao conhecimento do público. Devo frisar, e isto é o pior, que os bandos são compostos, também, por meninas, tal como acontece nos Estados-Unidos, segundo notícias que de lá chegam.

"Como ninguém pode prever o momento em que esses turbulentos aparecem, será útil que cada família tenha sempre junto do telefone o número da Polícia Feminina, ou da Rádio Patrulha. Basta ver os moleques nas proximidades da casa e discar. Se atacarem, receberão castigo. Se não atacarem, serão dispersados.

"E não seria mau que o Juízo de Menores, em todos os casos, castigasse também os pais, dando publicidade aos abusos e aos nomes..."

Entenderam?! CHEGA DE AIDAS CURYS! Tudo isso está exigindo uma reforma dura... mas compreensiva e paternal. Isto é — cheia de amor vigilante e severo. Correção para as crianças, multa e cadeia para os pais omisso! Não é "ditadura", não, meus senhores! É MONARQUIA! O Rei é disciplinador, porque é Pai "verdadeiro".

Leia

POLÍTICA E TEORIA DO ESTADO

de J. P. Galvão de Sousa

Edição Saraiva. Em todas as livrarias.

ESTADO E IGREJA HARMONIOSOS

Houve um tempo em que a filosofia de Evangelho governava os Estados. Nessa época, a influência da sabedoria cristã e a sua virtude introduzia-se nas leis, nas instituições, nos costumes dos povos, em todas as classes e em todas as relações da sociedade civil. Então a religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, estava por toda a parte florescente, graças ao favor dos príncipes e à proteção legítima dos magistrados. Então o sacerdócio e o império estavam ligados entre si por uma feliz concórdia, e amigável reciprocidade de bons ofícios.

Assim organizada, a sociedade civil deu frutos superiores a toda a expectativa, cuja memória subsiste e subsistirá, consignada, como está, em inúmeros documentos, os quais nenhum artifício dos adversários poderá corromper ou obscurecer.

Leão XIII. "Immortale Dei"

DIGAM OS FIADORES: PODEMOS CONTINUAR ASSIM?

Que mais se precisará dizer, para que os fiadores da instituição política republicana, que nos vem desgovernando há 70 anos, se convençam de que devem acabar com ela "para bem do povo e felicidade geral da nação?"

Será que os milhões de exemplos que diariamente por todo este imenso Brasil acontecem, não lhes chegam para a compreensão do erro em que laboram, apoiando esta instituição política errada, falsa, artificiosa, enganadora, destruidora do Brasil e do imenso esforço dos brasileiros que trabalham e tentam com o seu imenso ânimo em tudo recomençar; a sua imensa coragem, o seu imenso brío, a sua imensa fé (apesar de tudo e de todos), para elevar esta terra bendita a um plano de grandeza onde estaria situada, não fôra a destruição sistemática e que vem sendo submetida há 7 décadas, desde o dia em que os TRAIADORES republicanos aniquilaram o Grande IMPÉRIO DO BRASIL?

Já pensaram esses homens (ou já pensou alguém neste país) no que aconteceria aos Estados Unidos, ou à Inglaterra, por exemplo, se sofressem a mesma destruição que vimos sofrendo há tanto tempo? Que teria sido dessas nações? Teriam agüentado o que temos agüentado? Teriam períodos de recuperação, embora fugazes, como por vizes se têm manifestado apesar do trabalho em contrário dos homens que nos desgovernam ininterruptamente? Otto Niemeyer, financista inglês que aqui esteve após 1930, a convite do então Ministro da Fazenda José Maria Witacker, para estudar e aconselhar a recuperação financeira nacional, em declarações em Londres disse que o Brasil era um país maravilhoso, pois que 45 milhões de brasileiros tentavam destruí-lo durante 16 horas por dia, mas não conseguiram porque dormiam 8 horas e, nessas 8 horas, o país se reconstruía dos estragos que lhe causavam nas outras dezesseis horas. E' evidente, que neste aforisma ele não se referia efetivamente ao povo brasileiro em geral, mas aos seus governantes, eis que o povo brasileiro — apesar das MENTIRAS que os interessados propalam em contrário — não tem interferência NENHUMA, na má administração do país. Já pensaram esses homens, — quão grande, quão rico, quão poderoso não seria o BRASIL se não fôsse essa destruição a que vimos sendo submetidos desde 15 de novembro de 89?

Estas considerações vêm a propósito de um simples e réles episódio acontecido ontem (3/7/59), num programa de televisão de S. Paulo, denominado "pingos nos 11". Nêle compareceu o presidente da Câmara Municipal de São Paulo, sr. William Salem que respondeu às acusações de seus adversários políticos, acusações estas que se chafurdavam por todos os matizes da corrupção, imoralidade, peculato, etc., num hediondo es-

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino

de A. VEIGA DOS SANTOS

nas Livrarias

OS CRIMINOSOS TRUSTES

Afirmou Fidel Castro, chefe revolucionário cubano, que os grandes trustes mataram mais cubanos do que o regime deposto naquele país.

O mesmo acontece em nossa Pátria. Temos, porém, que incluir, entre os trustes, as camorras políticas e administrativas, nas variadíssimas manifestações em pleno vigor. Nos crimes dos trustes o maior aliado é a própria república.

Quem se interessa pelo assunto leia "O perigo do entreguismo", do senador republicano Auro Moura Andrade.

Confirmam a nossa afirmação, entre outras provas, o desvio do auxílio aos flagelados, a retenção do leite nas alfândegas, os casos infames do trigo, do arroz, etc., etc., etc.

Agora, a república, que vive de modas, anda inventando "operações". Nós patriotistas lançamos há 30 anos a OPERAÇÃO IMPÉRIO-ORGANICO, a única que tem tradição e pode salvar o Brasil já.

petáculo caracterizador da bagunça republicana a que, por desgraça nossa, nos condenaram a insidia, a maldade e a Traição de 89. Pois bem, a páginas tantas declarou o acusado que o caso do contracto de exploração do serviço telefonico de S. Paulo não poderia ser resolvido, porque as duas correntes que se degladiavam na Câmara, uma a favor da concorrência pública e outra a favor da entrega pura e simples do serviço à actual concessionária, não conseguiram obter os 2/3 de votos (sempre os malditos votos...) necessários à decisão por uma, ou outra fórmula.

Quer isto dizer que o bem público, que seria a decisão por uma, ou outra fórmula — não queremos aqui entrar no mérito da questão — não poderá ser atingido, porque duas correntes políticas se degladiam na Câmara e uma irreduzivelmente — não apoiará a outra nos seus pontos de vista, que não são bem pontos de vista, mas, efetivamente, irreduzibilidade política de várias de eleição.

Em outro ponto de suas declarações afirmou — em operação que não ficou bem esclarecida — que existem no porto de Santos centenas de omnibus, importados pela C.M.T.C., (companhia mista que explora os transportes coletivos de São Paulo) e que não podem ser utilizados, para melhorar os transportes da cidade, porque o governo federal, através da Alfândega sanitária, não os libera, não sei por que "cargas d'água".

Ora, quando sabemos que o governo do "Estado" vive às turras com o governo da cidade, por serem os seus ocupantes adversários políticos irreconciliáveis: que o governo da República, também o é, não só do governo do "Estado", mas também do da cidade — e isto se repete pelo Brasil a fóra, num nunca acabar de irreduzibilidades políticas — é fácil de se compreender, por que o serviço e os interesses públicos perecem, em holocausto à sordidez dos entrecosques da politicagem republicana.

Final de contas, para que temos governo? Para isso?

Estes dois pequenos exemplos retratam fielmente os milhões de outros que existem por todos os sectores do que deveria ser a administração pública brasileira. Todos nós enxergamos isso, excepto os fiadores do regimen maldito. Ou, será que enxergam? Se enxergam, por que não acabam com essa bambuchata?

Já lhes fiz recentemente um apêlo. Estão, portanto, com a palavra. Estamos aguardando a sua ação patriótica, em prol dos interesses maiores do Brasil. Mas, para que não se equivoquem no momento oportuno que será breve, lembramos-lhes, mais uma vez, que o Império Orgânico Patrianovista é a única solução.

João de OLIVEIRA PINHO

Leia

O ESTADO É MEIO E NÃO FIM

J. C. ATALIBA NOGUEIRA

Em todas as Livrarias

DEMOCRACIA "CRISTA"

Nesta matéria deve ser entendida de maneira que, fora de todo conceito politico, signifique "apenas" a própria acção benéfica cristã em favor do povo... Tais preceitos são, pois, e permanecem alheios às opiniões de partidos e a todo evento, de modo que, seja qual for a constituição da sociedade, possam e devam os cidadãos cumprir aquelas leis, em que se lhes manda amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmos.

Leão XIII. Graves de communi.

DIREITO

É de direito indiscutível que a propriedade esbulhada pela violência, seja qual for o carácter dessa propriedade, continua sendo pertença do proprietário ou dos seus herdeiros, a não ser que haja renúncia tácita ou explícita. Dom Pedro II não renunciou ao Trono do Brasil. Também não renunciaram Dona Isabel I e Dom Luís I, Soberanos no exílio.

Viva Dom Pedro III!

DE PARABÉNS A NOSSA PÁTRIA IMPERIAL

Se para todos os verdadeiros cristãos os filhos são bênçãos de Deus, são-no especialmente para as Dinastias. Daí, motivo de júbilo para a Nação Brasileira e a sua augusta Família Imperial é o nascimento das esperanças Princesas gêmeas MARIA GABRIELA e MARIA TERESA que viram a luz do céu do Cruzeiro no mês de julho.

O Comando Patrianovista e "Monarquia" agradecem a comunicação e congratulam-se com SS. AA. Imperiais e Reais, Sr. D. Pedro Henrique e Sra. D. Maria Isabel de Bragança.

REPÚBLICA... SEMPRE "IGUALZINHA"

O nível moral baixou com o estabelecimento da República. É um facto que entra pelos olhos. O governo republicano, investido no poder em nome de princípios austeros, na prática deu curso à noção lamentável de que a falta de carácter é um título de benevolência, o servilismo, uma escada, a honestidade, um obstáculo e uma parvoíce. Na luta pela vida, vence o mais subserviente.

... A representação continua a ser, e é mais do que nunca, uma aparência.

VICENTE DE CARVALHO

"Diário da Manhã", Santos, 15-11-1890,
e "Páginas Soltas", São Paulo, 1911.

JANGADEIROS E... RÉ... PÚBLICA

Novos jangadeiros valentes demandam o Sul a favor de reivindicações legítimas dos nossos infelizes lutadores do mar.

Mas qual! Neste regimen delicioso para meia dúzia os problemas se eternizam... não se resolve talvez nem meio por cento do que compete ao estadinho republicano.

Querem ver a confirmação disso?

Aqui vai uma noticia datada de 8 de fevereiro de 1952:

"REIVINDICAÇÕES DOS JANGADEIROS JUNTO AO GOVERNO FEDERAL"

RIO, 7 (Meridional) — O presidente da República acaba de dar despacho à exposição de motivos do ministro da Agricultura, sobre o atendimento das reivindicações dos jangadeiros cearenses contidas no memorial que foi entregue ao chefe do governo quando aqui chegaram os pescadores nordestinos; solicita a abertura de um crédito de 10 milhões de cruziros para fazer face às despesas de parte daquelas pretensões. O ministro na sua exposição fez sentir ao presidente da República a falta de verbas para o Ministério.

É o seguinte o despacho: "Volto para informar: primeiro — sobre se existe no Estado do Ceará em relação aos cinco primeiros itens das pretensões dos jangadeiros resumidos a folhas 2, desta exposição; segundo — de que verba dispõe o Ministério da Agricultura para a realização desses serviços; e terceiro — de que necessita para atender ditas pretensões".

O crédito solicitado destinava-se: cinco milhões de cruziros para as colônias de pesca com trabalhos de instalação e equipamento; dois milhões para construção e equipamento de um entreposto de pesca em Fortaleza; um milhão e meio para três postos de recepção de pescado em Aracati, Paracuru e Acaraú; um milhão para aplicação em ambulatórios em Fortaleza e Paracuru; 500 mil cruziros para instalação de ambulatórios em Aracati e Acaraú."

— Estão vendo? Assim "vai" o Brasil com a bendita "ré...".

Nada foi resolvido há 7 anos, como o não foi há 60 anos: e não o será (se continuar a "ré...") daqui a cem anos. E novos jangadeiros, trincos dos actuais, virão visitar o presidente que (como a "ré..." não tem nada a ver com família que é coisa séria) não seria trincado de JK...

...ão é à toa que o nosso dinheiro, valenão em 1889 mais que a libra esterlina, ficou abaixo de zero em 1959.

Comunidade Lusíada

(Discurso Pronunciado na Assembléa Legislativa desta Província, em 11 de junho p.p.)

Sr. Presidente, Srs. deputados. Transcorreu na data de ontem o dia "Nacional de Portugal", e não poderia passar despercebida por esta Casa tão grata efeméride.

Diz Gilberto Freyre, nosso patriótico e grande sociólogo, que, enquanto a França liberal cavava separações profundas entre os homens, a afabilidade portuguesa, autenticamente cristã, desmoralizava o liberalismo. E remata: "O mundo criado pelo português, sem ser de modo algum perfeito, é com certeza o mais humano de todos os mundos em que já viveu o homem. O mais humano e, sociologicamente, o mais cristão". — (in *Aventura e Rotina*, pág. 210).

Donde vem a razão de tudo isso e do sucesso que teve Portugal em sua projeção no mundo? Di-lo-á Gilberto Freyre: "A melhor política me parece ainda aquela que permite a um povo ser o mais possível vivo, espontâneo, na sua maneira de comportar-se; fiel ao seu temperamento e à sua experiência e não regulado duramente por fórmulas e regras lógicas mas inumanas ou alheias a diferenças nacionais ou subnacionais de caráter ou de cultura. A verdade é que nos modos nacionais de um povo ser povo, o que é erro ou defeito numa nação pode ser graça ou virtude noutra. Relativismo que nada tem de novo: já é até acaciano. Mas é preciso sempre reavivá-lo para não nos esquecermos da importância de suas conseqüências". (idem, pág. 25).

Mas, não estamos aqui para fazer sociologia, e, sim, para comemorarmos uma data que é sumamente grata aos nossos corações, o dia da Comunidade Lusíada no mundo. Instituiu-a um Tratado de larga visão política, que deu forma jurídica a uma herança de 8 séculos. E consagrou-lhe o dia de ontem a Câmara Federal, como data de comemoração obrigatória.

Hão de ser louvados eternamente os promotores de tão illustre iniciativa, rica em conseqüências grandiosas. A época é das grandes comunidades. Os países que não as têm pelo sangue, pela tradição, pela cultura, pela língua, procuram criá-las por meio de interesses alheios a aqueles laços profundos como a Inglaterra, pela força como a Alemanha, pelo imperialismo econômico como os Estados Unidos, pela utopia como outros.

A tudo isso transcende a nossa Comunidade Lusíada, baseada naqueles fatores preciosíssimos que conseguiram numa

verdadeira "democracia racial" assimilar os povos mais diversos unificados na Religião e na Cultura.

Essa glória portuguesa é também a nossa glória. Por ela é que o Brasil, à face de todo o mundo, constitui a nova pátria da esperança, em que, vindos de todos os recantos do mundo, os homens se entendem, se amam, se entre-auxiliam, se mesclam, e todos, descendentes de africanos, de malaios, de árabes, de eslavos, de escandinavos, de italianos, de franceses, de chineses e japoneses, se irmanam na mesma Fé, no mesmo amor à Virgem Padroeira da nacionalidade, nos mesmos costumes, na mesma língua, nos mesmos esportes que culminam no milagre do futebol conquistador do mundo: afinal, na total identidade de sentimentos e de adesão à Pátria das maravilhas, a Pátria Tropical.

Já as vetustas lendas da Irlanda, nas épocas imemorais, falavam do Brasil como a ilha maravilhosa da Felicidade. Acha da nos fins da Idade Média pelos nossos Antepassados, como os consideramos nós, os brasileiros de todas as origens, fez-se ela isso que admiramos: a Canaã de todos desejada. Entendemo-nos todos, amamo-nos todos, queremos-nos todos. E só erramos, e só falhamos, e só pecamos e mentimos a nós mesmos, quando, desprezando os velhos exemplos da velha Lusitanidade, imitamos os racismos estranhos, criamos preconceitos e discriminações absurdas, traímos a experiência, a alma, a política, a sabedoria ou, numa só palavra que diz tudo, o "Coração Português" que, aliado ao índio que catequizou e amou e ao Africano, com o que se fez um só e mesmo povo, fundou a nossa Pátria uma em religião, língua, sangue e sentimento. Pátria grandiosa que é toda nossa e que, se se mantiver fiel a tudo isso que éle nos deu, permanecerá para sempre a Pátria de nossos filhos, de nossos netos e de todas as gerações que se seguirem.

E essa soberba Pátria uma não será, como tal, única no mundo. Pois da mesma pequena casa portuguesa outras comunidades nasceram por outros continentes. E com aquela e com estas formamos todos, a majestosa Comunidade Lusíada, cuja data esplêndida celebrámos ontem nas cinco partidas do mundo, onde somos uma grande realidade e uma grande esperança!

DEPUTADO ARCHIMEDES LAMMOGLIA

PATRIANOVISMO

O Patrianovismo é uma doutrina dinâmica com base no princípio estático-dinâmico da Tradição. Enfrenta os problemas com realismo, estuda-os objectivamente, e não os teme. Como fartamente havemos dito, Patria-Nova é passado, é presente e será futuro, porque, fiel às raízes espirituais e institucionais da Nação, sempre se supera e não ficará obsoleta.

VOLTARÁ MESMO A MONARQUIA

Não excluo absolutamente o Brasil dêsse círculo de possibilidades (monárquicas). Possibilidades que já vão mesmo tomando a feição de probabilidades. Não acho impossível nem difícil que seja reconstituído em nossa Pátria o Império, com a restauração da dinastia brasileira dos Braganças. Trata-se de uma coisa muito mais próxima da realização do que a muitos possa parecer. Somente assim nos libertariamos das aventuras caudilhescas peculiares ao ambiente sulamericano. — BATAISTA PEREIRA (Não se trata do nosso redactor-chefe).

RUI BARBOSA CONTRA A REPÚBLICA?

Entre nós, (a proclamação da república) foi como um espectáculo, uma surpresa, um sonho, passado fora da nação a que o sr. Aristides Lobo confessou que ela assistiu "bestificada" e para a qual se continuou a portar com a mesma indiferença. Ninguém podia antever a durabilidade de instituições criadas por uma revolta de baionetas e recebidas pela nação com essa glacialidade. . . Nós contávamos sessenta anos de ordem constitucional com a Monarquia e dela variáramos súbitamente para uma NOVIDADE QUE NÃO TINHA A MENOR RADÍCULA NA HISTÓRIA, OU NO TEMPERAMENTO NACIONAL. Discurso em Campinas, 1909.

— Isso diz Rui, que deu forma jurídica ao mostrego nascido pela traição armada, república sem "a menor radícula" em nossa História, pois tudo quanto nela tendia a república era para espatifar em pedacinhos o Brasil. Continuarão, porém, os néscios a falar em "tradição republicana", e prosseguirá nas escolas a mentira oficial de ré-pública proclamada por todo o Exército, toda a Marinha. . . e o coitado do Povo que está apanhando até hoje por causa dela.